

## **A SAUDADE REVISITADA**

Luís G. Soto

Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Filosofia  
Praza de Mazarelos, s/n, 15782 Santiago de Compostela, Galiza, Espanha  
(0034)881812526 | [luisg.soto@usc.es](mailto:luisg.soto@usc.es)

Resumo: No livro "O labirinto da saudade", publicado em finais de 2012, tentei oferecer uma visão filosófica da saudade. Agora, neste texto, na primavera de 2014, vou tentar responder esta pergunta: quando e como é que comecei a interessar-me pela saudade?

Palavras-chave: saudade, filosofia, cultura.

Abstract: In my book "O labirinto da saudade", published towards the end of 2012, I tried to present a philosophical account of saudade. In this paper, which I wrote during 2014 spring, I tried to answer the following question: how and when did "saudade" first started to interest me?

Keywords: nostalgia, philosophy, culture.

## **Labirinto**

Há pouco, no livro *O labirinto da saudade*<sup>1</sup>, publicado nos últimos dias de 2012, tentei oferecer um percurso e uma proposta filosóficos sobre a saudade. Quero agora voltar sobre isso, mas sem volver sobre os meus passos, traçando um trilho diferente. Quiçá com isto consiga mostrar um outro viés, que deite uma outra luz sobre aquele percurso e a minha proposta.

No livro, o ponto de partida foi a experiência psicológica: a morrinha sentida quando criança, a diferença com a saudade conhecida na adolescência. Agora vou partir do interesse intelectual, cognitivo ou científico. Quando é que comecei a me interessar pela saudade, como professor e investigador filósofo?

## **Incerteza**

Verdadeiramente, topei com o tema em 1986, quando estudava um poema de Pondal, “A campana d’Anllons”, e redigia durante meses um artigo para um número monográfico de *A Nosa Terra* em homenagem ao poeta de Ponteceso, autor do hino galego. O meu contributo publicou-se com o título “Tanto de meu estado me acho incerto”<sup>2</sup>, que é um verso de Camões. O que indica, não apenas o meu estado de confusão ao concluir o artigo, mas também um vínculo que queria apontar, que aliás Pondal teve, com Camões.

Disse “ao concluir”, mas de facto não consegui acabar o artigo: o publicado é um fragmento inconcluso. Quis continuar, segui a trabalhar nesse texto outros meses... e finalmente abandonei. Salvadas as distâncias, passou-me como a Pondal com o seu poema épico “Os Eoas”: a escrita revelou-se tendencialmente infinita. Sabia, mais ou menos, o que queria dizer, mas apenas conseguia escrevê-lo, e escrevê-lo mal, com muitas dificuldades, com muito esforço. Uns anos depois, mudei de método e logrei prosseguir, até creio que finalizar —ou, pelo menos, redigir— essa investigação. Pelo menos, desta vez, as horas, as semanas, os meses não foram improdutivos.

De facto, em 1997, publiquei na revista *Anto* uma nova achega a esse poema de

---

<sup>1</sup>*O labirinto da saudade*, Laiovento, Santiago de Compostela, 2012.

<sup>2</sup>“Tanto de meu estado me acho incerto (excerto)”, in *A Nosa Terra*, Extra 7 “Eduardo Pondal”, Vigo, 1986, pp. 59-62.

Pondal: “Saudade como mensagem”<sup>3</sup>. Nesta breve achega, a saudade dá título ao meu artigo e, dalguma forma, resume ou concentra o conteúdo da minha indagação. O que é que mudara desde então, nestes onze anos transcorridos?

### **Mensagem**

Em 1986, ao ler “A campana d’Anllons”<sup>4</sup>, eu encontrara a saudade como um elemento do poema, uma temática tangente ou tangencial. Via nalgum dos versos uma referência velada —uma alusão “críptica”, poderíamos dizer— e também crítica à saudade. Eu cria perceber ali um distanciamento, mesmo um rejeitamento, da saudade, tal e como eu a conhecia. A questão requeria alguma indagação. Eu sabia muito pouco da saudade. Conhecia —valha chamá-la assim— a “saudade metafísica”, pois entre o pouco que lera, apenas em galego, estava a filosofia da saudade de Ramón Piñeiro<sup>5</sup>. E, mesmo desta, tinha um conhecimento apenas superficial<sup>6</sup>. Esta circunstância e o que me parecia encontrar nos versos de Pondal levou-me a ler mais sobre a saudade. Nesses anos, como dou conta em *O labirinto da saudade*, li, como mínimo, *A saudade e o saudosismo* de Teixeira de Pascoaes, editado por Pinharanda Gomes<sup>7</sup>, e *A saudade portuguesa* de Carolina Michäelis de Vasconcelos<sup>8</sup>. A influência de Teixeira e de Michäelis é perceptível no meu texto de 1987 sobre “A campana d’Anllons”: “Saudade como mensagem”.

Com Teixeira logrei fazer-me com uma ideia sobre a saudade, uma matriz de compreensão. As suas faces de lembrança e esperança resultam especialmente visíveis no poema de Pondal: o canto do cativo, o protagonista desses versos, tem duas partes nítidas: primeiro, lembra; e depois, espera. Acha-se cativo em Orão, lembra Ponteceso, a sua vida outrora, e espera que o seu canto chegue ali, que a sua mensagem se espalhe em Ponteceso, no seu mundo.

Ainda mais proveito tirei da leitura de Michäelis: do vínculo, no vocábulo e o conceito saudade, de soledade com saúde, sanidade-santidade, salvação e

---

<sup>3</sup>“Saudade como mensagem”, in *Anto. Revista Semestral de Cultura n°2*, Edições do Tâmega, Amarante, 1997, pp. 119-133.

<sup>4</sup>Eduardo Pondal, *Queixumes dos pinos*, Latorre y Martínez Editores, Imprenta de “La Voz de Galicia”, A Coruña, 1886, 1979, pp. 191-194.

<sup>5</sup>Ramón Piñeiro, *Filosofía da saudade*, Galaxia, Vigo, 1984.

<sup>6</sup>*O labirinto da saudade*, ed. cit., p. 26.

<sup>7</sup>Teixeira de Pascoaes, *A saudade e o saudosismo*, Assírio & Alvim, Lisboa, 1988.

<sup>8</sup>Carolina Michäelis de Vasconcelos, *A Saudade Portuguesa*, Estante, Aveiro, 1990.

saudação. Esta foi a chave: saudação, isto é, mensagem. E, mais ainda, uma mensagem de salvação. Que no poema de Pondal seria, mais do que uma libertação, um final ou uma saída em falso do cativeiro. Digo “em falso”, não porque o final ou a saída sejam falsos, senão porque o cativeiro fica em suspenso, é posto em questão, mas não acaba. Outra ideia que vinha de Michäelis obrava na minha leitura: a ligação de soledade com solidariedade. Mas não estava desenvolvida, era apenas indicada. Não tinha eu tomado consciência desse nexos soledade-solidariedade em profundidade, não o tinha examinado com amplitude. Era algo que viria fazer mais tarde, em 2008, com motivo do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade.

### **Entroncamento**

Entre 1997 e 2008 fiz mais leituras sobre a saudade, não apenas de livros, também dalgumas obras de arte. Lembro, em especial, as visitas ao Museu Soares dos Reis: a pintura de Silva Porto e Henrique Pousão, as esculturas de Soares dos Reis<sup>9</sup>. Publiquei algumas resenhas, uma sobre o I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade<sup>10</sup>. Depois, como disse, incorporar-me-ia ao III, em 2008, e também participei no IV, em 2011.

Em 2005, em Agosto, visitei por primeira vez a casa de Teixeira de Pascoaes em Amarante, em Gatão. Estivera ali outras vezes, mas fora, sem entrar, porque não era tempo de visitas. Desta vez, em Agosto de 2005, tinha um motivo adicional para a visitar. Dois anos antes, em Novembro de 2003, José Augusto Seabra estivera como professor visitante na Universidade de Santiago de Compostela. Entre as atividades realizadas no curso da sua estadia, contou-se a apresentação da revista *Nova Renascença*, os números dedicados à Galiza e a Teixeira de Pascoaes. Neste ato, participou D<sup>a</sup> Amélia Teixeira de Vasconcelos e na foto que publicou a revista *Agália* saio eu, ao lado dela. Por esquecimento ou ignorância do nome dela, quem redigiu o pé da foto pôs: Luís Garcia Soto, senhora<sup>11</sup>. Eis-me, pois, convertido em parente de Teixeira de Pascoaes. Queria, por isso, levar-lhe a revista e mostrar-lhe a foto a D<sup>a</sup> Amélia Teixeira de

---

<sup>9</sup>*O labirinto da saudade*, ed. cit., pp. 57-73.

<sup>10</sup>Instituto De Filosofia Luso-brasileira (Org.), *Actas do I Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade*, Ed. Câmara Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo 1996, 157p, in *Agora. Papeles de Filosofia n.º16-1*, Santiago de Compostela, 1997, pp. 183-184.

<sup>11</sup>*Agália. Revista de Ciências Sociais e Humanidades n.º77/78*, Ourense, 2004, p. 28.

Vasconcelos.

### **Plenitude incompleta**

Em 2004 fiz uma recensão<sup>12</sup> sobre o livro de Andrés Torres Queiruga, *Para unha filosofía da saudade*. Para brincar, e fazendo um jogo com o facto dele ser teólogo e com o pensamento filosófico dele acerca da saudade, ocorreu-se-me propor a seguinte definição de saudade: “comunhão no modo da ausência sob as espécies da angústia e a esperança”. Nesta definição eu via —lia— “comunhão” com os olhos de uma criança que está a aprender o catecismo católico. Era, como disse, uma piada, uma brincadeira sem malícia, mas que não se corresponde muito com o pensamento dele. Corresponde-se pouco, por duas razões.

Com efeito, Queiruga trata a saudade, sobretudo, como uma oscilação entre a angústia e esperança, vivida por um sujeito, e apenas aponta a possibilidade — o horizonte— de comunhão, com o objeto da saudade. Eis a primeira razão. No entanto, a minha brincadeira, que não tinha valor para explicar a concepção dele, revelou-me um ponto de interesse, a comunhão, que eu podia explorar, situando-me por fora do quadro da teologia e a religião, como ele próprio faz ao falar da saudade. E também por esta segunda razão a minha definição não fazia jus ao seu pensamento. Mas, a minha piada, ao aproximá-lo desse quadro teológico-religioso, permitira-me vislumbrar a importância —e a densidade— do aspecto “comunhão”.

Ou seja, percebi, vista agora por fora da teologia e da religião (e mesmo da metafísica), a relevância —e a densidade— da comunicação, a participação, a comunidade, a união. Por outras palavras, comecei a descobrir na saudade o componente “comunhão”, que eu, ademais, podia pensar “como se” eu fosse, não já um teólogo ou um religioso, mas mesmo um místico. Este “artifício”, pensar ao modo dum místico, permitiu-me ver na saudade, além da “presença da ausência”, uma “plenitude incompleta”.

### **Isolamento-sociabilidade**

---

<sup>12</sup>Torres Queiruga, A., *Para unha filosofía da saudade*, Fundación Ramón Otero Pedrayo, Trasalba, 2003, 189p, in *Grial n.º161*, Galaxia, Vigo, 2004, pp. 98-99.

Eu viria defender essa formulação mais adiante, no IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade em 2011. Mas, antes, ainda volvi sobre o poema de Pondal, no III Colóquio em 2008<sup>13</sup>. Desta vez sublinhei a tensão entre isolamento e sociabilidade, o vínculo entre soledade e sociedade.

Desde as minhas primeiras leituras, as feitas no século XX, percebera que o poema, além de aludir à morte física ou biológica, versava acerca da morte social, aquela que se segue do cativeiro e/ou o cárcere: a morte em vida. Um cativo e/ou um preso está morto em vida: quase por completo, se está em regime de isolamento e incomunicação<sup>14</sup>. Reduzem-se ao mínimo, se não desaparecem, as relações que formam parte do mundo da vida. Este é travado e gerido pelo poder, um poder externo ao indivíduo preso, ao sujeito cativo. No entanto, pondo a minha atenção no cativeiro e/ou o cárcere, perdia eu outro fator: a dissidência resistente ao desterro e o encerro, ou até mesmo reconfiguradora destes, que viriam a se tornar, então, um exílio interior. Ou seja, rotas, e submetidas ao poder, as relações com os outros, só fica uma possível: a relação do eu consigo mesmo. Digo “possível”, porque o poder também a exclui, trata igualmente de travá-la e geri-la. Essa relação do eu com o eu, de um mesmo consigo mesmo, pode desenvolver-se em margens exíguas. Em suma, eu não vira adequadamente esta situação: a vida na morte, com o seu lado positivo<sup>15</sup>. E descuidara também, até então, o potencial comunicativo e associativo que havia na dissidência persistente, no exílio interior. O que torna intolerável essa relação eu-eu para o poder exterior e esmagador. Salientei, pois, a sociedade inerente na soledade: o social potencial, a sociabilidade.

### Via ética

Isso significou, para mim, variar o foco na matriz da saudade, passando não do eu ao outro, mas ao eu com o outro. Eu tinha a sensação de que toda a saudade, no fundo, era saudade de ser, saudade do ser. Saber e sabor que um eu tem da

---

<sup>13</sup>“Saudade (Isolamento-Sociabilidade) em Eduardo Pondal”, in Maria Celeste Natário, António Braz Teixeira, Afonso Rocha & Renato Epifânio (coords.), *Actas do III Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade. Em Homenagem a Dalila Pereira da Costa*, Zéfiro, Sintra, 2008, pp. 241-251.

<sup>14</sup> Cfr. Xosé Tarrío González, *Huye, hombre, huye. Diario de un preso FIES*, Virus Editorial, Barcelona, 2007, 4ª ed.

<sup>15</sup> Luís G. Soto, **Erro! Apenas o documento principal**.“Pensamientos de un preso”, in *Astrolabio. Revista internacional de filosofía política nº13*, Universitat de Barcelona, 2012, pp. 395-405.

precariedade e da plenitude, conhecimento —padecer e fruição— de um sujeito experimentar-se como acidente e/ou como substância. Nada a objetar, mas, na minha opinião, é mister —ou é melhor— pensar o eu como um outro, porque sempre há um outro para o qual ele —o eu— é um outro. E, em consequência, há que pensar também esse outro como um eu. Essa dupla ganância, ou mais exatamente tripla (inclusão do outro, objetividade do eu e subjetividade do outro), traz um giro ético na abordagem metafísica da saudade ou, mais radicalmente, abre uma via diferente: a perspectiva ética na compreensão e explicação da saudade. Agrego “explicação” para vincar, na compreensão, o entendimento e o desenvolvimento.

Esse é o meu caminho. Mas não cheguei aí em 2008, senão depois<sup>16</sup>, ao escrever *O labirinto da saudade*, entre fevereiro e setembro de 2011 e na primavera de 2012. Já estava nesse caminho quando participei no IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade<sup>17</sup>. Encetara-o algo antes, no outono do ano 2010. Na primavera desse ano, um colega —António Gil— convidara-me a enviar um texto sobre a morrinha e a saudade desde o ponto de vista filosófico a uma revista galego-portuguesa. Não sabia se seria capaz de escrever algo, mas fiquei com o tema na cabeça, pois o prazo para submeter o artigo era de vários meses, e acabei por concluir que podia intentar dizer o que levava dizendo repetidas vezes, falando do poema de Pondal, mas desta vez sem falar do poema, ficando apenas com os conceitos que aqueles versos me sugeriam. A ideia era, pois, tratar outra vez o mesmo, mas sem a literatura, fazendo apenas filosofia. Quando terminei o artigo<sup>18</sup>, pensei que o que ali pusera podia dar para escrever um livro sobre a saudade. Esse foi o momento germinal, em que o meu percurso pela saudade tornou-se proposta acerca da saudade. Na verdade, não era mais do que um ponto matricial, que viria desenvolver, não sem hesitações, tropeços e desvios, meses mais tarde em *O labirinto da saudade*.

---

<sup>16</sup>Entretanto, outra recensão: Borges, Paulo, *Da saudade como via de libertação*, Quidnovi, Lisboa, 2008, 140p, in *Agora. Papeles de Filosofia nº28-1*, Santiago de Compostela, 2009, pp. 180-181.

<sup>17</sup>“Saudades Galegas”, IV Colóquio Luso-Galaico sobre a Saudade, Universidade de Porto & Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2011. Publicado em 2012: “Saudades Galegas”, in António Braz Teixeira, Arnaldo Pinho, Maria Celeste Natário, Renato Epifânio (coords.), *Sobre A Saudade*, Zéfiro, Sintra, 2012, pp. 259-267.

<sup>18</sup> Publicou-se em 2012: “Morrinha-Saudade”, in *Boletim da Academia Galega da Língua Portuguesa nº5*, Padrão (Galiza), 2012, pp. 23-32.

## **Regresso?**

Esse livro, para mim, não trouxe um ponto final. Quando escrevia os últimos capítulos, via que se poderiam ainda incluir outros. Se se me permite a expressão, e dito sem a menor presunção, era uma espécie de *Livro do desassossego*, quero dizer um texto que, embora acabado, podia ser indefinidamente continuado. Porque havia outras perspectivas, outros autores, e outras temáticas, ou ramificações, que podiam —e talvez deviam— ser incluídas<sup>19</sup>. Sai do labirinto sem conhecer o labirinto: apenas achei uma entrada, um percurso e uma saída. Ficava muito por ler e muito por pensar. No livro, referi alguns títulos, e há muitos outros, e alguns temas, como a saudade que deixam os mortos. Talvez algum dia, com a ajuda dos bons amigos e amigas portugueses, volva sobre isso.

---

<sup>19</sup> *O labirinto da saudade*, ed. cit., pp. 133-136.